Novos Estudos

CEBRAP

55

novembro 1999

FORA DE FOCO: DIVERSIDADE E IDENTIDADES ÉTNICAS NO BRASIL

Simon Schwartzman[1]

RESUMO
Tendo em vista o debate sobre a questão étnica ou racial no Brasil, bem como a tentativa de aperfeiçoar o quesito de raça ou cor na elaboração do censo demográfico do ano 2000, o autor examina alguns resultados da Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE de 1998, na qual se introduziram questões que buscaram aferir se as categorias de cor correspondem ou não à forma como a população se reconhece e se esta se identifica com origens culturais e étnicas específicas, como a afro-descendente. Também são analisados dados sobre rendimento, nível educacional e idade em relação às diferenças e identificações de cor ou raça e de origem.
Palavras-chave: censo demográfico brasileiro; cor/raça; origem étnica/cultural.

SUMMARY
Taking into account discussions on racial or ethnic issues in Brazil as well as the recent efforts to improve the race and color item in the 2000 demographic census questionnaire, the author examines some of the results from the Brazilian Institute of Geography and Statistics' monthly employment survey from 1998, which included a series of questions seeking to test whether or not the color categories in use corresponded to the ways in which the population identifies its specific cultural and ethnic origins, especially persons of African descent. The article also analyzes data on income, educational levels, and age in relation to different forms of identification of color, race and origins.
Keywords: Brazilian Census; color and race; ethnic and cultural origins.

O tema da cor ou raça no Brasil tem sido pesquisado recentemente pelo IBGE em termos da "cor" das pessoas, com as alternativas "branco", "preto", "pardo" e "amarelo" e mais a categoria "indígena". Esta pergunta é feita nos recenseamentos decenais e também na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada anualmente. São as próprias pessoas que devem se colocar nestas categorias, ainda que não se possa ter certeza de que os entrevistadores não exerçam influência nas respostas.

As motivações para o levantamento dessa informação têm certamente variado no decorrer do tempo. Até o século XIX, a informação relevante era a classificação da população em termos de sua condição civil, entre livres e escravos, e os recenseamentos de 1872 e 1890 já introduziam as questões de raça ou cor. Ao longo do século XX, é provável que as idéias racistas e as preocupações então existentes com o "melhoramento da raça" brasileira

(1) Agradeço a Alícia Bercovitch, Edward Telles, Elisa Caillaux, Magda Prates e Mariza Peirano pelos comentários e sugestões a uma primeira versão deste texto.

tenham influído na reintrodução do item "raça" no recenseamento de 1940, enquanto a noção de que no Brasil "não existe problema de raça" parece ter levado à exclusão do tema no Censo de 1970. Hoje, parece claro que o objetivo não é tentar medir ou quantificar as características biológicas da população, e sim sua diversidade social, cultural e histórica, que, como é sabido, está relacionada a diferenças importantes de condições de vida, oportunidades e eventuais problemas de discriminação e preconceito.

Existe muita insatisfação com aquelas categorias. Uma boa parte da população não se identifica com tais termos e os rejeita, como veremos a seguir. Os resultados que se encontram são também criticados. Tipicamente, as pesquisas mais recentes encontraram cerca de 5% de pretos, 50% de brancos e 45% de pardos, com uma pequena porcentagem nas categorias "amarelos" (orientais) e "indígenas" (a PNAD-97, que cobriu todo o país exceto a região rural da Amazônia, encontrou 54,4% de brancos, 5,2% pretos, 39,9% pardos, 0,4% amarelos e 0,1% indígenas). Estes números, segundo alguns críticos, ocultariam o verdadeiro tamanho da população negra no Brasil — que, se definida de forma análoga ao que ocorre nos Estados Unidos, chegaria a pelo menos 50% —, bem como da população indígena.

A discussão acadêmica sobre o tema da raça ou cor no Brasil tem como uma de suas principais referências um texto clássico de Oracy Nogueira que contrasta o "preconceito de origem", o qual seria típico dos Estados Unidos, com o "preconceito de marca", mais típico do Brasil[2]. Segundo essa interpretação, nos Estados Unidos o que define um "negro" na sociedade segmentada é sua ascendência africana e escrava, sua origem, e não o fato de a pessoa ter a pele mais ou menos escura. No Brasil, ao contrário, a cor da pele, mais do que sua origem, definiria as pessoas socialmente — e serviria de base para preconceitos e discriminações. Isto permitiria que as pessoas "passem" com mais facilidade de uma categoria racial a outra e, ao mesmo tempo, reduziria a coesão e identidade interna dos grupos étnicos ou raciais. Uma outra interpretação, proposta pela escola paulista liderada por Florestan Fernandes, afirma que o preconceito de raça no Brasil é, em última análise, um preconceito de classe — o que também seria confirmado pela relativa facilidade com que muitas pessoas conseguem "passar" de um grupo étnico ou racial a outro, em razão de seu enriquecimento. Nesta noção, a questão étnica ou racial não teria especificidade própria, e seria resolvida na medida em que as questões de desigualdade social fossem equacionadas. Na visão oposta, há a tese de que, tal como nos Estados Unidos, as diferenças de origem seriam as mais importantes e significativas, e não desapareceriam nem com a eliminação ou redução das diferenças de classe, nem com o "branqueamento" real ou ilusório da população. O "preconceito de marca" seria uma forma de "falsa consciência" que impediria que a população negra tomasse conhecimento de sua condição e problemas reais. Nesta perspectiva, não deveria haver distinção entre pretos e pardos nas pesquisas, devendo todos ser englobados na categoria "negros".

(2) Nogueira, Oracy. "Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem". In: *Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1985 [1954], pp. 67-93. Devo a Mariza Peirano ter me chamado a atenção para a necessidade desta referência, que ficará isolada dada a impossibilidade material de proceder aqui a uma ampla revisão da literatura sobre a questão racial no Brasil. Para um panorama geral desta literatura, que toma como ponto de partida uma paráfrase do texto de Oracy Nogueira, ver Sansone, Livio. "Nem somente preto ou negro — o sistema de classificação social no Brasil que muda". *Afro-Ásia*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais, Universidade Federal da Bahia, nº 18, 1996, pp. 165-187.

Na Introdução à nova edição de seu artigo, ao comparar os Estados Unidos ao Brasil, Oracy Nogueira mantém a hipótese de que naquele país

> *haveria maior tolerância que no Brasil pelas diferenças culturais — de idioma, religião etc. Em contraposição, no Brasil haveria maior tolerância em relação às variações em aparência física e menor em relação às divergências culturais. Penso na tendência generalizada, no Brasil, de supor-se que a negação da identificação com minorias culturais seja condição essencial ou* sine qua non *para o abrasileiramento. Assim, espera-se que o índio deixe de ser índio, o judeu, de ser judeu e assim por diante, para ser brasileiros*[3].

(3) Nogueira, op. cit., p. 34.

Isto talvez explique o fato de que o tema da origem nunca tenha sido objeto de pesquisa sistemática no Brasil, ao contrário do tema da raça ou "marca", apesar das limitações que possam ter os dados existentes a este respeito.

Em uma tentativa de aperfeiçoar o quesito de raça ou cor, tomar em consideração essas diversas objeções e começar a introduzir de forma sistemática a variável da origem nos estudos sobre a população brasileira, tendo em vista o censo do ano 2000, o IBGE introduziu um conjunto de questões na Pesquisa Mensal de Emprego (PME) de julho de 1998, que abrangeu cerca 90 mil pessoas de 10 anos de idade e mais em seis áreas metropolitanas do país[4]. O objetivo era comparar as respostas à pergunta tradicional sobre cor e a uma pergunta aberta, o que permitiria examinar em que medida essas categorias correspondem ou não à forma pela qual a população se identifica. Também buscou-se examinar se a população se identifica, de uma ou outra forma, com origens culturais e étnicas específicas — será que os "pretos" ou "pardos" se identificam como negros ou afro-descendentes e os "brancos" se classificam em diferentes culturas e etnias? Mais amplamente, um quesito que buscasse medir diretamente a origem étnica das pessoas não poderia fornecer uma informação sociológica e culturalmente mais rica e significativa que a de cor?

Os resultados confirmam que o Brasil não tem linhas de demarcação nítidas entre populações em termos de características étnicas, lingüísticas, culturais ou históricas, o que faz com que qualquer tentativa de classificar as pessoas de acordo com estas categorias esteja sujeita a grande imprecisão. Isto não significa, no entanto, que o tema não possa nem deva ser pesquisado em termos estatísticos, que permitem o entendimento de realidades amplas e significativas, ainda que de delimitação pouco nítida. Esta imprecisão não deve ser entendida como um erro que pudesse ser corrigido com uma categorização ou classificação mais precisa, mas como uma característica necessária de um dado que reflete percepções e identidades difusas, que podem inclusive variar para a mesma pessoa, conforme o contexto ou o tipo de questão que lhe é apresentado[5].

(4) A PME abrange as regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador e Recife. Os dados apresentados estão expandidos para o universo da população de referência.

(5) Comentando a questão da cor nos recenseamentos de 1940 e 1950, Giorgio Mortara observou que "em ambos os casos foi evitada a especificação dos critérios conforme os quais deviam ser aplicadas as diversas qualificações da cor, deixando-se a discriminação ao uso local, que varia sensivelmente de lugar para lugar e está sujeita também a se modificar através do tempo. Logo, nem os resultados de cada censo para as diversas unidades da Federação, nem os resultados dos dois censos de 1940 e de 1950 para cada unidade, são rigorosamente comparáveis entre si". Todavia, baseado em suas análises sobre a fecundidade e a mortalidade resultantes destes dois censos, segundo a cor, o autor acabou por concluir que, "apesar dos limites incertos e variáveis entre os diversos grupos, se revelam diferenças bem marcadas e concordantes com as que a observação direta individual da realidade brasileira fazia entrever" (apud Berquó, Elza, Bercovich, Alícia e Garcia, E. *Estudo da dinâmica demográfica da população negra no Brasil*. Campinas: Nepo-Unicamp, 1986 – Textos Nepo nº 9, p. 4).

Cor ou raça

As perguntas aberta e fechada sobre cor ou raça permitem examinar a pertinência ou aceitação, pelos entrevistados, das categorias usuais do IBGE. No total, foram encontradas quase duzentas respostas diferentes para a questão de raça ou cor. Estes dados são semelhantes aos encontrados em pesquisa do IBGE de 1976. Os principais resultados são os da *tabela 1*[6], os quais confirmam que, enquanto a maioria da população "branca" utiliza este termo para se definir, o termo "preta" é rejeitado pela maioria da população classificada nesta cor (ainda que seja a categoria predominante no grupo). A rejeição é ainda mais forte entre os "pardos" e, sobretudo, os "indígenas" (ainda que o número de indígenas em uma pesquisa urbana como a PME seja necessariamente muito pequeno). A tabela mostra ainda uma grande preferência pela expressão "morena", utilizada com intensidade por todos os grupos. O termo "morena" tem uma conotação positiva, refletindo bem o caráter difuso das linhas de divisão étnicas e raciais no Brasil. As denominações listadas na *tabela 1* resultaram de uma ligeira recodificação das respostas registradas na pesquisa, adotando geralmente a forma feminina quando existem os dois gêneros da mesma palavra ("morena" por "moreno" ou "morena") e unificando variações de ortografia e erros mais óbvios de codificação.

(6) N. E.: As tabelas e gráficos encontram-se ao final do artigo.

Origem

Em relação a este item, o que se procurou foi uma "origem" com a qual a pessoa se sentisse identificada, e por isso a questão no pré-teste foi assim formulada: "Qual a origem que o(a) senhor(a) considera ter?", sem nenhuma especificação maior quanto ao sentido do termo. A dificuldade da questão é que as pessoas se classificam por critérios muitos distintos. Para os descendentes de populações de migração mais recente (alemães, italianos, japoneses que chegaram ao Brasil desde a virada dos séculos XIX e XX até a II Guerra), o termo "origem" se refere ao país de origem dos pais ou avós. Para a população negra, uma eventual origem desse tipo teria de se referir a um longínquo passado africano, uma referência muito pouco adotada. Os dados mostram que muitas pessoas entenderam "origem" em termos raciais e outras em termos de regiões, estados e cidades de origem, ainda que a maioria tenha entendido a pergunta em termos de nacionalidade.

A questão sobre origem foi formulada de duas maneiras: uma pergunta aberta, com três possibilidades, e outra fechada, com doze alternativas, permitindo múltipla escolha. A *tabela 2* apresenta a distribuição das respostas múltiplas sobre origem na forma fechada e a *tabela 3* a distribuição das respostas abertas para cada resposta fechada. Pode-se desta forma examinar a concordância entre as respostas em uma ou outra

modalidade de pergunta. Assim, cerca de 69% dos que se identificaram como de origem japonesa na pergunta fechada também se identificaram como tal na pergunta aberta. Por outro lado, somente cerca de 26% dos negros identificados nas alternativas fechadas também expressaram esta identidade na questão aberta.

Chama a atenção, nestes resultados, a situação peculiar da resposta "brasileira" como uma das possíveis origens: 86,6% se identificaram como brasileiros na questão fechada, que permitia múltiplas escolhas. No entanto, há uma grande variação entre os grupos de origem em relação a esta escolha, como indicado na *tabela 4*, a qual mostra que entre as pessoas que se identificaram como alemãs, por exemplo, 48,6% se referiram como de origem brasileira, enquanto as demais, 51,4%, não o fizeram. Há bastante coerência nestes resultados. As populações mais antigas no país — negros, africanos, indígenas — marcam mais sua identidade brasileira, enquanto as de migração mais recente ficam entre 40% e 60%. É curiosa a situação do grupo de origem judaica, que se origina de lugares muito distintos, como indicado na *tabela 3*, com uma proporção bastante alta, em relação a outros grupos de migração recente, se identificando também como brasileira. Como é de se esperar, existem grandes variações entre as regiões do país quanto a esta identidade brasileira: em Recife, 96% das pessoas se declararam brasileiras, proporção que caía para cerca de 83% em São Paulo e 70% em Porto Alegre. O significado mais amplo desses dados só pode ser entendido por uma pesquisa muito mais aprofundada, mas não há dúvida de que a origem das pessoas é um fator significativo em sua identidade, sobretudo nas regiões de migração mais recente.

Cor ou raça e origem

A *tabela 5* busca testar a idéia de que as pessoas, por serem ou se considerarem de determinada "cor", compartilhariam também determinadas identidades sociais expressas em termos de sua origem. Ela mostra que a população "branca" não é homogênea, podendo ser agrupada em várias categorias de origem nacional, sobretudo italiana, portuguesa, alemã e espanhola. Mostra ainda que a tese de que o preconceito de cor ou raça no Brasil seria no fundo um preconceito de origem, nos termos de Oracy Nogueira, não se confirma. Só uma pequena porcentagem dos "pretos" se declara de origem africana, enquanto 22% consideram adequada a denominação "negros". Os "amarelos" são sobretudo japoneses, e constituem o grupo com menor identificação como "brasileiros." No outro extremo, o grupo "pardo" é o mais brasileiro de todos, e cerca de 10% deles se classificam como de origem africana ou negra. Entre todos, os "indígenas" são os que aparentam uma situação de identidade mais difusa: pouco mais de 50% reconhecem esta origem, e os demais se espalham por muitas outras categorias.

Cor ou raça, origem e condições de vida

A *tabela 6* é uma primeira aproximação à questão das diferenças de condição de vida das populações em razão de cor ou raça e de origem. Ela confirma as importantes diferenças de rendimentos médios entre pretos, pardos e indígenas, por um lado, e brancos e amarelos, por outro. Dentro da categoria "branca" aparecem diferenças bastante significativas, com pessoas de origem árabe e judaica em um patamar de renda mais alto, os de origem portuguesa, espanhola, japonesa e italiana em um patamar intermediário e os "brasileiros" em um patamar mais baixo. Na população "preta", os níveis de renda são consistentemente baixos, enquanto entre os "amarelos" sobressai a renda dos que se identificam como japoneses. As variações de renda da população "parda" estão associadas à identificação de alguma origem estrangeira: os de origem italiana, japonesa, portuguesa e espanhola, entre outros, tendem a ter renda cerca de 50% superior em média aos "brasileiros". Note-se também que os "pardos" que se identificam como "africanos" têm uma renda média significativamente superior à dos que se consideram somente "brasileiros", sugerindo que a identificação com uma origem africana está associada a uma posição social, e provavelmente educacional, mais elevada dentro do grupo. Um quadro semelhante ao dos "pardos" ocorre com a população indígena.

Essas diferenças não se devem, simplesmente, à condição de cor ou origem das pessoas, mas, em grande parte, ao lugar em que vivem, sua ocupação e sobretudo nível educacional. De fato, ainda que as diferenças de rendimento por cor ou raça e por origem sejam significativas, são claramente menos importantes do que diferenças em educação, como se pode ver no *gráfico 1*. O rendimento varia em razão de cor ou raça entre R$ 466 para "pardos" e R$ 1.130 para "amarelos" ou orientais, um aumento de 2,4 vezes, mas varia entre R$ 178 e R$ 1.762 entre os que não têm educação e os mais educados, uma diferença de 9,9 vezes. É claramente a educação, e não a cor ou raça e origem, o grande fator de desigualdade na sociedade brasileira.

As transformações conforme a idade

Uma outra maneira de examinar o sentido dessas autoclassificações de cor, raça e origem é observar sua distribuição pela idade das pessoas. O *gráfico 2* mostra que a proporção de pessoas que se identificam como "brancas" diminui sistematicamente para os grupos mais jovens, enquanto aumenta a dos "pardos" e fica constante a de "pretos". Uma interpretação possível seria que os brancos vivem mais e os pardos, menos. Se assim fosse, no entanto, a proporção de "pretos" também cairia, já que as

condições de vida deste grupo são semelhante às dos pardos. Outra interpretação, que parece mais plausível, é que as gerações mais novas se sentem mais à vontade para se identificar como pardos do que as mais velhas.

O *gráfico 3*, com as variações de identidade africana ou negra por idade, mostra um padrão bastante claro: a identidade africana diminui, mas a identidade negra aumenta progressivamente. Este resultado é bastante coerente com a idéia de que a identidade negra começa a ser afirmada por grupos mais jovens, como atitude moderna, o mesmo não ocorrendo, porém, com a identificação com um passado africano, que seria uma imagem mais tradicional. O *gráfico 4*, com as variações da identidade brasileira, italiana e portuguesa por idade, mostra que o processo de assimilação dos principais grupos de imigrantes europeus avança de forma sistemática com o tempo, reduzindo-se bastante para as populações mais jovens.

Conclusão

A análise dos dados sobre cor, raça e origem mostra que não é possível, simplesmente, substituir cor ou raça por origem, porque só uma parcela da população "preta" ou "parda" se identifica como de origem africana ou negra. Por outra parte, os dados sobre origem mostram diferenças bastante significativas entre grupos de origem dentro dos diversos grupos de cor ou raça, sobretudo entre os brancos e pardos, e permitem uma exploração mais profunda das características dos grupos "amarelo" e indígena. Isto significa que faz sentido estudar a população brasileira tanto do ponto de vista de sua raça ou cor como de sua origem, já que estes dois pontos de vista apresentam recortes diferentes e ajudam a entender mais em profundidade a realidade brasileira.

No passado, era muito comum pensar que a população brasileira tendia a se integrar e miscigenar do ponto de vista racial e étnico, que as diferenças entre grupos na sociedade eram todas devidas a situações de classe e que pesquisar informações relacionadas com raça não acrescentaria nada de novo, podendo criar toda uma série de problemas e tensões raciais a que o Brasil estaria imune. Hoje já não há quase quem sustente este ponto de vista, e o tema "raça", com todas as dificuldades que apresenta, tem sido objeto de pesquisas e análises com resultados bastante significativos. Por comparação, o tema das origens continua sendo pouco tratado, talvez em virtude da pouca legitimidade das diferenças de origem na cultura brasileira, conforme observado por Oracy Nogueira, que se acentuaram de forma dramática nas décadas de 1930 e 1940, quando o governo brasileiro reprimiu de forma muitas vezes violenta as tentativas de populações migrantes de manter suas línguas maternas na vida diária e na educação de seus filhos. Confundidos com a mobilização da guerra contra o Eixo, estes

episódios de intolerância nacionalista contra as minorias alemãs, italianas e japonesas nunca chegaram a ser objeto da revisão crítica e das reparações que necessitariam.

As grandes e significativas diferenças que as pesquisas mostram existir entre os diferentes grupos étnicos ou culturais brasileiros mostram que este tema merece um lugar de destaque na análise de nossa realidade. Esses dados abrem caminho para que possamos identificar situações de discriminação que parecem afetar os grupos negros, pardos e indígenas, assim como formas peculiares de organização e ação sociais típicas de determinados grupos de imigrantes, que podem ajudar a entender a maneira pela qual eles se posicionam e são percebidos pelo resto da sociedade brasileira. Esses dados também nos dizem, pela sua própria fluidez e imprecisão e pelas importantes variações que se dão entre gerações, que não seria recomendável que instâncias administrativas resolvessem assumir a responsabilidade de classificar as pessoas do ponto de vista étnico, usando uma classificação qualquer.

O principal resultado desta análise parece ser que a população brasileira, em sua grande maioria, se recusa a ser classificada de uma ou outra forma e muda suas identidades com o tempo. Assim, esta permeabilidade cultural e social do país, a despeito da persistência de grandes desigualdades de oportunidade, deve ser respeitada.

A Comissão Consultiva do Censo 2000, que se reuniu no IBGE em dezembro de 1998, foi informada dos resultados desta pesquisa. Depois de amplo debate, os seus membros resolveram, por maioria, recomendar ao IBGE que mantivesse no Censo 2000 a pergunta sobre cor ou raça tal como tem sido aplicada até aqui, e não incluísse uma nova questão sobre origem. Diversas alternativas para melhorar a questão sobre cor ou raça foram discutidas e descartadas. Substituir a cor "parda" por "morena" provocaria menos rejeição por parte dos entrevistados, mas esta alternativa reuniria tantas respostas que se tornaria ainda mais difusa e, assim, mais difícil de interpretar do que a forma atual. Substituir "preto" por "negro", eliminando a alternativa "pardo", significaria forçar uma visão da questão racial como dicotomia, semelhante à dos Estados Unidos, que não seria verdadeira. A alternativa seria abrir espaço para pesquisar a existência da categoria "negro" ou "afro-descendente" como origem, reunindo então os pretos e pardos e permitindo desta forma que as pessoas que se classificassem como pardas pudessem expressar sua pertinência à população e à cultura negras ou de origem africana. Uma questão ampla sobre origem permitiria, ao mesmo tempo, reintroduzir ou introduzir no país a consideração das questões de origem de forma mais ampla. Os resultados aqui relatados mostram que muito poucas pessoas se reconhecem como "afro-descendentes" e que o termo "negro" não encontra no Brasil o sentido equivalente ao de *"black"* nos Estados Unidos. Embora a questão de origem tenha mostrado outros resultados significativos, a Comissão considerou que esta nova questão seria de difícil formulação e entendimento em um censo nacional, aumentando os custos de um questionário já extremamente

complexo, e que a questão da origem poderia ser pesquisada em maior profundidade em pesquisas amostrais, como a PNAD, até que houvesse maior amadurecimento sobre sua formulação mais adequada. De fato, a única diferença entre o censo e uma pesquisa amostral como a PNAD é que o primeiro permite informações em âmbito de municípios e submunicípios — o que é impossível fazer com a PNAD, dado o tamanho da amostra —, mas não existem razões suficientes para que a informação de origem deva ser obtida e processada município por município em todo o país. Assim, é provável que o tema das diferentes origens da população brasileira passe a ser estudado com mais profundidade daqui por diante, que a questão da "cor ou raça" receba também novas e diferentes abordagens e que estas encontrem acolhida no Censo de 2010.

Recebido para publicação em 8 de setembro de 1999.

Simon Schwartzman é pesquisador da FGV. Publicou nesta revista "Os dinossauros de Roraima" (nº 39).

Novos Estudos
CEBRAP
N.º 55, novembro 1999
pp. 83-96

Tabela 1
Cor ou raça que melhor identifica a pessoa
Pesquisa Mensal de Emprego – IBGE
1998

Em porcentagem

Respostas abertas	Classificação IBGE						
	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	Sem resposta	Total
Branca	**91,08**	0,65	**5,92**	1,31	4,08	39,15	54,03
Morena	4,86	**13,94**	6,19	**53,96**	**61,73**	16,14	20,77
Parda	0,18	1,53	0,63	**33,92**	2,50	8,70	10,33
Preta	0,03	**44,41**	0,09	0,25	0,80	1,14	4,24
Negra	0,02	**30,92**	0,04	0,68	1,76	3,12	3,13
Morena clara	1,89	0,45	1,85	5,61	**7,36**	1,63	2,90
Amarela	0,05	0,03	**82,08**	0,03	0,12	-	1,08
Mulata	0,02	2,11	-	1,89	1,25	1,15	0,79
Clara	1,15	0,03	0,73	0,31	0,13	0,19	0,77
Escura	-	3,21	-	0,20	0,54	0,70	0,37
Sem resposta	0,13	0,16	-	0,13	0,12	26,96	0,29
Morena escura	0,02	1,81	0,04	0,82	2,11	0,37	0,44
Brasileira	0,19	0,03	0,04	0,02	-	0,57	0,12
Indígena	-	-	0,04	0,01	**12,83**	0,09	0,12
Japonesa	0,48	0,72	2,26	0,85	3,60	0,09	0,58
Total[1]	58,45	9,32	1,26	29,49	0,88	0,60	100,00
Nºs absolutos[1]	19.964.334	3.182.368	430.784	10.071.963	300.238	205.317	34.155.004

(1) Inclui outras denominações com freqüência reduzida (menor que 0,05%): africana, alemã, alourada, alva, amarelada, amarela clara, azul e branca, baiana, bege, bem loura, bombom, branca amarela, branca avermelhada, branca azeda, branca brasileira, branca clara, branca escura, branca e parda, branca leite, branca média, branca morena, branca morena clara, branca ou mulata, branquinha, bronzeada, bugre, Cabo Verde, cabocla, cafucho, cafuza, clara branca, canela, canela escura, canelinha, castanha, castanha clara, cearense, chocolate, cinza, clara parda, claro brasileiro, clarinha, cor de canela, cor de cuia, crioulo, descascado, é difícil dizer, escura morena, escurinha, escuro Cabo Verde, encardida, francês, galega, galego branco, índia, índia negra cafuza, italiana, jambo, japonesa, latino-americana, leite, loura, loura clara, marrom, meia branca, meio termo, mel, mestiça postoca, mestiça morena clara, mestiço, mista, misturada, morena bem clara, morena branca, morena Cabo Verde, morena cabocla, morena castanha, morena cabocla, morena café, morena canela, morena clara jambo, morena jambo, morena mais para amarela, morena média, morena mestiça, morena mulata, morena normal, morena parda, morena preta, morena queimada, morena sarará, morena trigueiro, morenão, morenão café com leite, moreninha, moreninho branquinho, mulata clara, mulata escura, mulata média, mulata negra, mulatinha, negão, negra clara, negra morena, negrinho, negro pardo, neguinho, pálida, parda cabocla, parda clara, pardão, pardinha, polonesa, parda escura, parda morena, parda morena clara, parda morena escura, pêlo-duro, polaca, portuguesa, pouco moreno, preta negra, pretinha, roxa, ruiva, sarará, sararazada, saxão, tostada, vermelha.

Tabela 2
Origem com a qual a pessoa se identifica
(respostas múltiplas a pergunta fechada)
Pesquisa Mensal de Emprego - IBGE
1998

Origem	Total de respostas	% das respostas	% das pessoas
Africana	702.855	1,5	2,1
Alemã	1.209.160	2,7	3,6
Árabe	164.615	0,4	0,5
Brasileira	29.404.040	64,5	86,6
Espanhola	1.503.516	3,3	4,4
Indígena	2.266.692	5,0	6,7
Italiana	3.555.057	7,8	10,5
Japonesa	456.050	1,0	1,3
Judaica	67.056	0,1	0,2
Negra	1.739.081	3,8	5,1
Portuguesa	3.571.590	7,8	10,5
Outra	959.894	2,1	2,8
Sem resposta	212.883	-	-
Total	**45.599.607**	**100,0**	**134,3**

Tabela 3
Origens: respostas à questão aberta, por respostas às alternativas pré-codificadas
Pesquisa Mensal de Emprego – IBGE
1998

Em porcentagem

	Origem pré-codificada												
Respostas abertas	Africana	Alemã	Árabe	Brasileira	Espanhola	Indígena	Italiana	Japonesa	Judaica	Negra	Portuguesa	Outra	Total
Brasileira	27,21	22,65	29,94	**85,71**	33,93	39,45	33,08	20,97	39,11	54,03	36,10	28,74	67,81
Italiana	3,97	6,08	6,88	2,20	7,40	4,66	**47,59**	2,61	**6,05**	2,33	7,47	**7,67**	6,72
Portuguesa	6,38	2,98	4,52	1,99	5,71	6,27	4,62	1,90	4,00	2,55	**41,24**	**7,10**	5,84
Indígena	5,67	2,57	1,57	1,41	2,43	**33,59**	2,35	1,26	**5,83**	5,52	3,10	2,44	3,53
Alemã	0,89	**58,42**	4,14	0,90	2,91	2,17	3,06	0,82	**5,64**	0,80	2,21	4,34	2,91
Espanhola	1,03	1,09	1,06	0,70	**41,65**	2,61	4,02	0,08	0,00	0,83	3,19	3,99	2,69
Negra	4,22	0,66	1,16	0,97	0,56	3,29	0,63	0,92	1,46	**26,26**	1,63	0,62	2,10
Africana	**45,59**	0,77	0,93	0,50	0,33	2,07	0,37	0,13	0,81	2,56	1,24	0,27	1,40
Japonesa	0,00	0,08	0,48	0,27	0,05	0,04	0,16	**68,89**	0,00	0,07	0,22	0,23	0,91
Polônia	0,05	0,42	0,00	0,10	0,30	0,12	0,24	0,00	**6,46**	0,01	0,18	**6,81**	0,28
Árabe	0,19	0,47	**34,20**	0,09	0,37	0,12	0,17	0,17	2,11	0,06	0,35	0,39	0,27
Libanesa	0,00	0,04	6,29	0,03	0,10	0,02	0,04	0,00	1,62	0,02	0,08	1,84	0,10
Síria	0,00	0,09	1,95	0,02	0,00	0,04	0,01	0,00	0,00	0,02	0,06	1,11	0,06
Judaica	0,00	0,03	0,00	0,02	0,01	0,00	0,01	0,00	**16,73**	0,00	0,01	0,13	0,04
Outras[1]	4,81	3,65	6,78	5,08	4,24	5,55	3,64	2,25	10,18	4,93	2,92	34,32	5,35

(1) Denominações de origem de baixa freqüência (menos de 1%): acreana, africana negra, agricultor, alagoana, alvo, amarela, americana, Angola, Aracaju, Araçatuba, Arceripina, Argentina, Arraial, austríaca, baiana, Barretos, Belém, belga, boliviana, Bom Jesus, branca brasileira, brasileira cigana, brasileira espanhola, brasileira italiana, brasileira negra, brasileira polonesa italiana, brasileira Soares Fidélis, Brasília, bugre, búlgara, cabocla, campina, Campina Grande, campista, Campo Grande, Campos, capixaba, carioca, Caruaru, castelhana, Catanduva, catarinense, cearense, Checoslováquia, chilena, chinesa, cigano, colombiana, Cordeiro, croata, de cor, desconhecida, Dinamarca, egípcia, equatoriana, escandinavo, escandinavo romeno, escocesa, escrava, escura, eslovena, espanhola alemã, espanhola indígena italiana, Espírito Santo, Estado do Rio, estoniana, estrangeira, Estados Unidos, Europa, Ferraz de Vasconcelos, fluminense, Fortaleza, friburguense, Garanhuns, gaúcha, germânica, goiana, grega, grego e turco, gringo, guarani, Guarulhos, húngara, indiana, indígena bugre, indígena cabocla, indígena italiana, indígena negra, indígena negra brasileira, índio brasileiro, inglesa, interior, iraquiano, irlandesa, israelense, israelita, italiana brasileira, italiana portuguesa, Itaquá, Itu, iugoslavos, João Pessoa, Lagarto, Lageado, Lagoa dos Gatos, Limoeiro, Lituânia, luxemburguesa, magiano, Marajó, maranhense, Marelono, Mato Grosso, mestiça, mineira, Miracema, mística, mistura de raça, misturado, morena, morena branca, morena clara, morena escura, morena preta, mulata, não entendo, não sabe, Natal, nego, negra africana, nipônico, nissei, nordestina, Norte, Norte-americana, nortista, norueguês, Nova Iguaçu, Olinda, oriental, oriental síria, Orobó, panamenha, Paraguai, paraibana, Paraná, parda, parense, parente de índio, paulista, pêlo-duro, Peri, pernambucana, peruana, Petrópolis, Piauí, Poá, polonesa italiana, polonesa italiana brasileira, polonesa italiana espanhola, portuguesa, portuguesa alagoana, portuguesa italiana, potiguar, Pouso Alegre, preta, preta negra, Puri, raça branca, Recife, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, romena, Rondônia, ruim, Rússia, Salvador, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, São Miguel, sarará, sergipana, Serra Talhada, sertaneja, Sto. Antônio do Rio Pardo, Suécia, suíça, Suzano, Taguaritinga, tailandesa, Taubaté, tibetanos, tupi, tupi-guarani, turca, turquesa, Ucrânia, União Soviética, Uruguai, Valência, Venezuela, Vitória.

Tabela 4

Pessoas que se declararam de origem "brasileira", segundo demais origens (respostas fechadas)
Pesquisa Mensal de Emprego – IBGE
1998

Demais origens	Em porcentagem Origem "brasileira"
Africana	56,3
Alemã	48,6
Árabe	54,5
Brasileira	100,0
Espanhola	55,0
Indígena	67,6
Italiana	56,9
Japonesa	41,1
Judaica	59,4
Negra	76,2
Portuguesa	57,5
Outras	53,9

Tabela 5
Cor ou raça, segundo origens
(questões fechadas, respostas múltiplas de origem)
Pesquisa Mensal de Emprego – IBGE
1998

Em porcentagem sobre o total de pessoas

Origens	Cores ou raças						
	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	Sem resposta	Total
Africana	0,58	**9,64**	0,75	2,59	**4,09**	1,92	2,06
Alemã	**5,51**	0,81	0,32	0,72	2,13	1,80	3,54
Árabe	0,72	0,07	0,54	0,15	0,06	0,47	0,48
Brasileira	**83,11**	**88,62**	**44,79**	**93,90**	**75,67**	**55,75**	86,09
Espanhola	**6,42**	0,78	1,12	1,69	3,28	**5,70**	4,40
Indígena	**4,80**	6,94	3,07	**8,89**	**54,28**	**7,79**	6,64
Italiana	**15,72**	1,36	2,75	3,20	**6,00**	**10,49**	10,41
Japonesa	0,62	0,16	**70,79**	0,20	0,51	0,49	1,34
Judaica	0,25	0,09	0,23	0,12	0,20	0,10	0,20
Negra	1,30	**22,05**	1,66	**7,35**	7,52	**4,17**	5,09
Portuguesa	**14,50**	2,54	2,84	**5,30**	**8,53**	**12,21**	10,46
Outras	**4,05**	0,45	3,96	1,03	3,26	2,76	2,81

Tabela 6
Salário mensal médio, por cor ou raça, segundo origem
(pessoas com renda declarada)
Pesquisa Mensal de Emprego – IBGE
1998

Em R$

Origens	Cores ou raças						
	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	Sem resposta	Total
Alemã	976,59	490,06	-	504,98	456,60	-	931,06
Árabe	1.759,26	-	-	562,22	-	-	1.654,52
Africana	698,84	515,30	230,00	496,14	469,63	337,79	535,99
Brasileira	778,09	384,81	1.379,03	431,64	495,05	702,91	630,43
Espanhola	1.134,55	589,15	-	584,48	531,26	1.037,93	1.058,16
Indígena	645,93	404,91	363,35	464,77	493,36	521,20	537,53
Italiana	1.135,66	571,52	286,83	655,50	597,97	1.051,63	1.080,17
Japonesa	1.038,87	-	1.719,14	978,07	-	-	1.505,66
Judaica	2.047,24	-	-	547,84	-	-	1.756,47
Negra	651,16	438,77	291,75	437,46	398,12	-	467,19
Portuguesa	1.071,97	583,29	653,34	619,86	489,48	634,93	982,65
Outras	1.260,37	346,46	-	562,01	1.104,71	-	1.161,21
Total	848,41	400,84	1.462,72	440,14	515,07	695,79	688,98

Gráfico 1
Renda média mensal, por anos de escolaridade, segundo grupos de cor
Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
1997
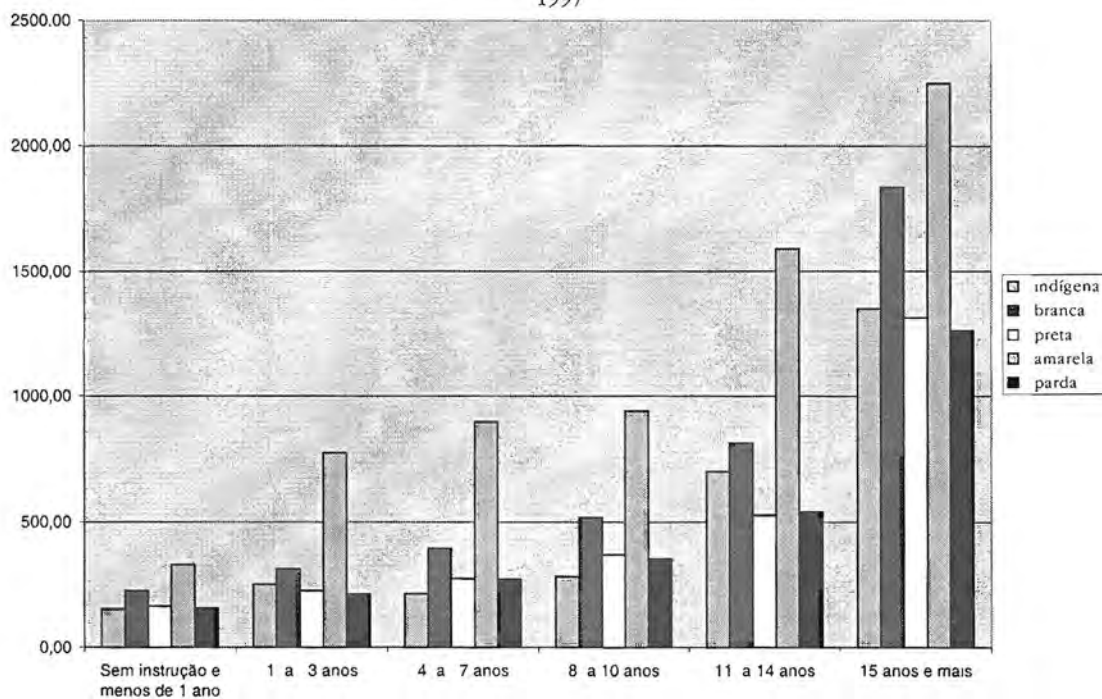
Gráfico 2
Pessoas que se consideram brancas, pretas ou pardas, segundo idade
Pesquisa Mensal de Emprego – IBGE
1998
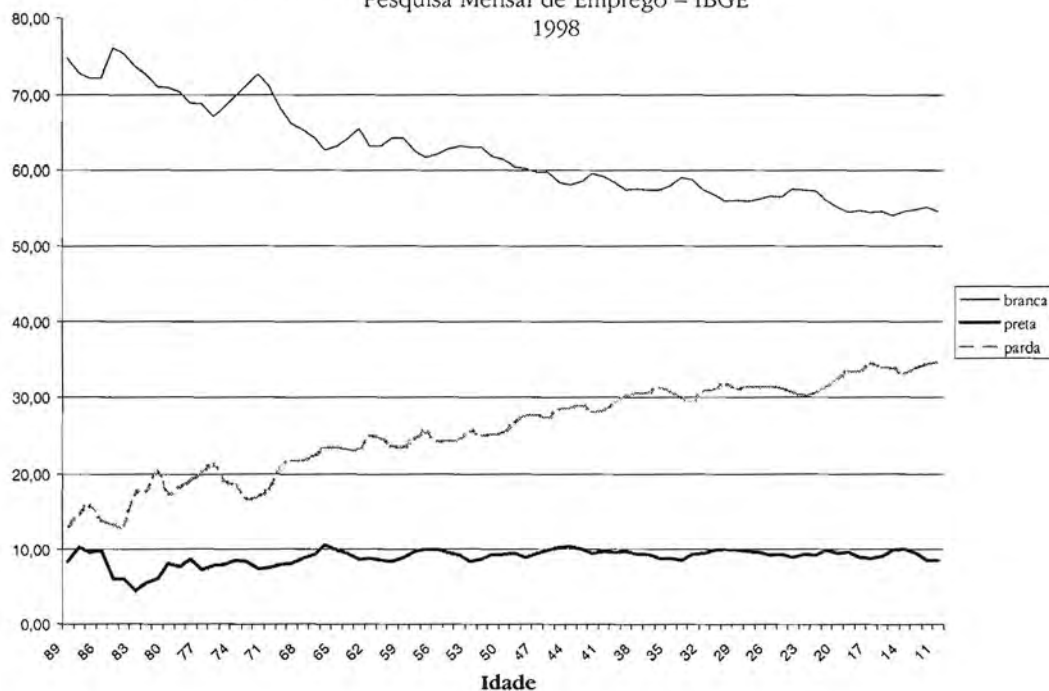
Gráfico 3
Pessoas de origem africana e negra, segundo idade
Pesquisa Mensal de Emprego – IBGE
1998
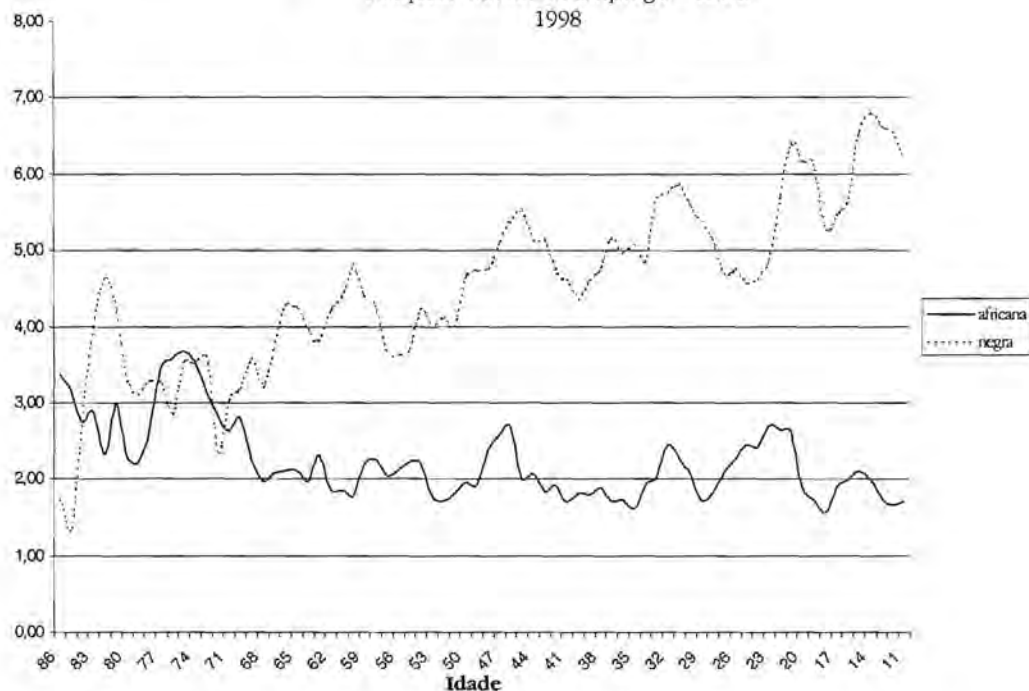
Gráfico 4
Pessoas de origem brasileira, italiana e portuguesa, segundo idade
Pesquisa Mensal de Emprego – IBGE
1998